



PARANÁ - MAR./2016 - ED. VII - ANO VI

RelevO

# Editorial

**4** GABRIEL S. R.  
CAVARESI

**9** MÁRCIA  
PFLEGER

**10** MANOEL  
CARLOS KARAM

**15** LUDMILA  
RODRIGUES

**16** GLAUBER  
VIEIRA

**17** FRANCESCA  
CRICELLI

**18** CID  
BRASIL

**19** RICARDO  
POZZO

**20** YASMIN  
NIGRI

**21** RAFAEL  
ANTUNES

**24** MARIANA  
BOTELHO

Muitos são os motivos para se fazer jornalismo cultural em lojinha de 2,99.

Medo de perder anunciantes.

Medo de ofender assinantes.

Medo de perder o emprego.

Tática para não incomodar o métier.

Aceitação pacífica dos rótulos.

Participação tranquila em eventos remunerados do eixo.

Publicação por casas editoriais especializadas em monetizar redes de influência pessoal.

Sexo casual regular (único argumento realmente defensável).

Ser blogueiro.

Ser vlogueiro.

Ser cozinheiro.

Gostar de ganhar livros.

Gostar de ganhar DVDs.

Gostar de Mumford and Sons.

[E poucos termos andam tão desgastados e patéticos quanto *independência*.]

Uma boa leitura a todos.

## expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-Assistente** Ricardo Pozzo

**Revisão** Korekktur El Shaarawy

**Ombudsman** Ben-Hur Demeneck

**Projeto Gráfico** Margeli Mencarda

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3500

Edição finalizada em 4/3/2015.

## errata

Qual o limite do humor?

## ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de Fabio Rocha.

<[www.facebook.com/fabrr.rocha](http://www.facebook.com/fabrr.rocha)>

quer ilustrar para o **RelevO**? escreva para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

## interwebs

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

 /jornalrelevo

@ jornalrelevo@gmail.com

## Enclave, a newsletter

Enclave é a nossa newsletter quinzenal editada por Mateus Ribeyre, idólatra de Totti e animais de pequeno porte. Em linhas gerais, é uma turnê de força por assuntos ocasionais do meio cultural, com apelo ao hipertexto: em um clique você pode ir de Edward Hopper a futebolistas-Pokémon.

Para assiná-la, basta acessar:

<http://jornalrelevo.tumblr.com>

## prestação de contas fev/15

### ANUNCIANTES

**R\$ 50** Loteria Avenida; Avon; Ehlkefarma; Fisk; Joaquim; Torto Bar; Toda Letra; **R\$ 100** Editora Penalux; Editora Zeitgeist; **R\$ 120** Escola de Escrita; **R\$ 200** Carlos Pessoa Rosa (total R\$ 870).

### ASSINANTES

**R\$ 50** Cezar Tridapalli; Daniel Castro; Murilo Lense; Anna Afonso; Simone Teodoro; Daniel Glir; André Tezza; Rômulo Candal; Guyllherme Custódio; Eder Alex; Carol de Bonis; André Packer; Isabela Carvalho; **R\$ 100** Marco Antonio Santos (total R\$ 750).

### CUSTOS

Assinaturas: R\$ 230  
Distribuição: R\$ 150  
Papeleria: R\$ 100  
Impressão: R\$ 1.050

Receita total: R\$ 1.620  
Custo total: R\$ 1.530

**Balanço: R\$ 90**

## Assine

O **RelevO** nunca foi reconhecido por ser bom na arte de fazer negócios. Por isso, nós dependemos tanto do apoio dos assinantes.

O que fazem os assinantes? Por R\$ 50 ao ano, recebem os exemplares no conforto de suas humildes residências. E é bem simples: basta enviar um email dizendo: "Como faz?". Nós damos as coordenadas e a mágica acontece.

## da Enclave #30:

LISTA: VERSÕES NACIONAIS

Maroon 5 = Jota Quest  
Nickelback = Capital Inicial  
Sublime = Cidade Negra  
Dire Straits = Legião Urbana  
Russell Brand = Tico Santa Cruz  
Jerry Springer = Ratinho  
Roxette = Kid Abelha  
Simon Cowell = Rick Bonadio  
Creed = Rodox  
Pitbull = Latino  
Jennifer Lopez = Cláudia Leitte  
Rod Stewart = Lulu Santos  
Fred Durst (Limp Bizkit) = Chorão  
Jack Black = Leandro Hassum  
Supla = Supla

## Cartas do Leitor

### UTILIDADE PÚBLICA

**Julio Cesar da Silva:** Hoje à noite, precisamente às 22h10, li umas poesias publicadas neste jornal. As poesias eram assim; um - dois - três ... Estava eu em meu quarto de hotel e resolvi ir até a estação Água Verde. Peguei um ônibus e fui até a Estação Central. Lá apanhei o **RelevO**, no lugar onde ficam os livros da Tuboteca. Quando voltei, sentei ao lado de uma senhorita. Ela estava mexendo em sua bolsa. Falei que ela tinha uma farmácia

na bolsa. Ela riu... Falou que era necessário, pois vivemos em Curitiba e aqui faz as quatro estações em um só dia... Ok, gostaria que publicassem esta mensagem com meu e-mail ([juliocesardasilvagvt12@outlook.com](mailto:juliocesardasilvagvt12@outlook.com)), pois gostaria de poder contatá-la novamente. Dei meu exemplar deste jornal para que ela lesse e aí desci do Santa Cândida/Capão Raso, indo até a outra entrada para apanhar outro exemplar. Mas aí não era mais a mesma edição. Publiquem minha história para que eu encontre esta pessoa.

DA REDAÇÃO: **MOÇA DO SANTA CÂNDIDA/CAPÃO RASO, APAREÇA!!!**

### ORGASMOTRON

**José Aparecido Fiori:** Fui à Biblioteca Pública para renovar minha carteirinha de leitor que toma de favor livros emprestados, e os devolve biblicamente no prazo. Tive que desembolsar a astronômica quantia de mais valia no valor de 2,50 reais, que não vale nem uma pinga no buteco do chinês, além de ter que levar uma fatura vencida de telefone não pago como comprovante de endereço. Meto a mão no bolso e só tinha dois paus. Voltei pra casa para pegar o restante do cofrinho. Paguei, e não lamento! Peguei, de graça, três jornais culturais: **RelevO**, Cândido e Rascunho. Gostei mais da postura anárquica do **RelevO**. Parabéns, rapaziada, foi um prazer de múltiplos orgasmos vos ler! rrsrsrs...

### A GRANEL

**Dinovaldo Gilioli:** Li as últimas 4 edições do **RelevO** e destaque alguns autores, cujos textos mais me chamaram a atenção. Gosto da proposta do jornal e, de uma maneira geral (com exceções, é claro), seu conteúdo me agrada pela ousadia e criatividade. Novembro: Anderson Maschio. Dezembro: destaque a escolha do tema abordado (diversidade sexual e de gênero) e o texto de Assionara Souza; de janeiro: Nara Vidal e Pedro Luz; de fevereiro: Daniel Osiecki e Carla Kinzo. Acredito que a produção literária ganha mais sentido e importância com a troca de ideias. Concordo com o José Luís Jobim, quando diz: "... Como a leitura é sempre o encontro do que o leitor já possui com o que o texto tem a oferecer, também o leitor vai

ganhar ao vivenciar estas experiências, trazendo para o seu mundo e à sua maneira aquilo que o narrador trouxe para o dele..." Desejo vida longa ao **RelevO** enquanto valer a pena!

### BEN10

**Munique Duarte:** Gostei muito da edição de fevereiro. O texto "Nazismo sob edição" está perfeito! Não só porque concordo com o que está escrito, mas pela exposição muito clara dos argumentos. Fala pro Ben-Hur que ele é Ben10! Também acho que o poodle deve ser perdoado. E ri muito da reclamação de um leitor sobre os poemas do jornal. A resposta foi muito criativa! Nessa ala dos poemas, sinto uns altos e baixos. Há confecções perfeitas, mas tem hora que é uns mimimi-urbano-xaroposo que nem leio até o final. Abraços à redação!

### DISCÓRDIA

**Wesley Bueno:** Excelente a crônica do Borussia Mönchengladbach! Material de time grande! Me diverti demais; Veiculando aqui em Ponta Grossa já!

**Alessandro Tavares:** Nada a ver esse texto do Borussia. É o tipo de gente que fica achando o futebol europeu o "verdadeiro" futebol.

DA REDAÇÃO: *É esse tipo de gente mesmo, Alessandro!*

### BOATOS

**Iara Amaral:** E esses boatos de que o RelevO irá acabar?

DA REDAÇÃO: *Fique tranquila, Iara. A crise braba atinge os impressos de notícias. Não que a gente esteja milionarando. Mas o modelo de negócio (e a razão de ser) de impressos de nicho nos parece mais permanente.*

### CAPA & BIGODE

**Carla Carbatti:** Jornal lindão esse.

**Ricardo Escudeiro:** Lindão. e que ilustrações formidáveis.

**Matheus José Mineiro:** Que nota de editorial porreta deste mês, PQP.

## próxima edição

Lucarelli

Falso Mano Brown

Oulipo

# Top

GABRIEL SANTA ROSA CAVARES I

Existem poucas manias mais chatas na internet brasileira do que o recente ressurgimento do ódio gratuito ao termo "top". O asco por uma simples palavra de três letras é um tipo de desequilíbrio emocional que vem sendo experimentado por gente dos mais baixos postos sociais, desde ex-VJs da MTV [1] a usuários do Fórum Vale Tudo UOL [2], passando também por usuários do Yahoo! Respostas [3] e vlogueiros [4]. Há não muito tempo, ninguém mais que Rachel Sheherazade [5] criticou a palavra e seus falantes.

Inicialmente, é importante afastar alguns preconceitos sobre o uso da palavra. O termo não passou a ser usado recentemente e nem foi trazido do inglês por playboys estudantes de Educação Física e que curtem #Orgulho de ser hetero. Na verdade, o uso de "top" na forma atual vem, no mínimo, desde 2007 [6], quando Lula iniciava seu segundo mandato e Amy Winehouse estourava com "Rehab".

Um marco para o "top" foi, evidentemente, um dos melhores memes da história da Internet brasileira: Suh Bombom Pimentinha cantando "Top na Balada" [7], em 2010, e seu mashup com "Like a G6" [8], algo que me deixa orgulhoso de ser brasileiro. No mesmo ano, o craque Neymar usou "top" como adjetivo para se referir ao Criador [9].

Desde logo é possível ver que

a gíria não é nem de longe uma "MODINHA BREGA" (como defende o comentarista SANDRO do Yahoo! Respostas). É bem questionável a afirmação de que "a maioria que usa essa expressão e imatura" do usuário "O Barato E Loko". Ao contrário do que pensa o anônimo, "top" também não rima com "pobre"\* [3].

Ficam, portanto, REFUTADOS os rumores de que "top" é uma gíria passageira ou endêmica de estudantes brancos heterossexuais estudantes da FAAP parodiados pela página Frases Hetero e anteriormente parodiados pelo Dicionário Coxês-Português.

"Top" é uma palavra extremamente útil na língua portuguesa e supre uma carência de palavra curta não chula que indique "muito bom" com poucos caracteres [10]: "bom" não tem grande intensidade, "foda" ofende senhoras católicas e "ótimo" já é uma trissílabo com duas letras a mais e um acento – ao menos o dobro de toques ao digitar no celular.

E, mesmo nos contextos em que o tamanho da palavra não tenha grande relevância, sinônimos que acrescentem riqueza ao vocabulário são sempre bem-vindos. Da mesma forma, são bem-vindas suas modificações por meio de brasileirismos como "topzera" (muitas vezes usado de forma metairônica, o que é uma característica riquíssima do vocabulário brasileiro).

"Top" é uma palavra usada por brasileiros de todos os grupos sociais e vem se consagrando pelo uso desde um tempo em que se acreditava que a Dercy Gonçalves era imortal, que um presidente negro e democrata reduziria a belicosidade dos EUA e que a Seleção jamais perderia em casa por 6 gols de diferença.

Os incomodados com a espontaneidade nada podem fazer quanto à nossa ANTROPOFAGIA linguística. Os aldo rebelos com repulsa a estrangeirismo merecem o rótulo de "haters" e "losers".

Por fim, se você continua odiando a palavra "top", reclame também das seguintes palavras, muito mais desprezíveis, tóxicas e danosas à cultura brasileira, à moral e aos bons costumes:

"CRUSH"  
 "DIFERENTONA"  
 "FALSIANE"  
 "FEEDBACK"  
 "HETEROFOBIA" (ironicamente ou não)  
 "LACRAR"  
 "OTARIANO"  
 "RACHAR"  
 "SATANÁRIES"  
 "SWAG"

\* O comentário "EU ODEIO A PALAVRA TOP PORQUE TOP RIMA COM POBRE E EU ODEIO GENTE POBRE!!!!!" demonstra bem a mentalidade dos "antitop".

[1] <https://twitter.com/titimuller/status/489557366732763136>

[2] <http://forum.jogos.uol.com.br/quem-usa-a-palavra-top-como-a...>

[3] <https://br.answers.yahoo.com/question/index...>

[4] <https://www.youtube.com/watch?v=VX09Z7vI2GE>

[5] Não vou linkar pra não dar audiência. Joga no Google se tiver interesse.

[6] <http://www.dicionarioinformal.com.br/top/>

[7] <https://www.youtube.com/watch?v=mqC3AVTqjQA>

[8] <https://www.youtube.com/watch?v=M7FjdSHfH1g>

[9] <https://twitter.com/neymarjr/status/19370237272>

[10] <http://www.opopular.com.br/.../outra-do-p.../%C3%A9-top-1.438950>

# Ben-Hur Demeneck

## (NÃO TÍTULO: [In.(ter)] dependente FC)

Um dos experimentalismos do **RelevO** está em admitir um crítico editorial entre as páginas de um jornal literário. E mesmo tal temeridade parece pouco aos diretores, que convocam o colunista a se vestir de apicultor para apreciar ninhos de marimbondos como se fossem aqueles globos terrestres dos professores de Geografia.

Desta vez, o nosso alvo é o culto ao “jornalismo independente”. Afinal, como é que um valor profissional foi se transformar em recurso de *marketing*? Antes de abordarmos o problema, exibimos um *making of*: pela metade de cada mês, o editor envia a este *ombudsman* um relatório. A iniciativa favorece o diálogo entre os agentes da publicação e evita que um texto escrito remotamente perca de vista o “chão da fábrica” do veículo.

A lista dos temas assinala comentários de leitores, impasses de ordem administrativa, projeções editoriais e, em menor medida, dúvidas filosóficas. As sugestões ambientam o *ombudsman* ao calor das repercussões em vez de o enclausurar em sua solidão de articulista. Em fevereiro, enquanto jurados cariocas concediam mais um “deeeeeez” à Estação Primeira de Mangueira, a caixa postal da ouvidoria recebia as provocações do editor Daniel Zanella. Uma delas saltou para fora da tela:

– O que é ser independente? Quando se deixa de ser independente? Um veículo que já circulou com verba pública, via leis de incentivo, é um veículo totalmente independente? Tecnicamente, um veículo que depende de assinantes e anunciantes – como é o nosso –, é dependente deles. E se [o jornal] fosse feito só com o meu dinheiro? Ainda assim seria dependente de mim.

Para entender o porquê desse

encadeamento de inquietações do editor, basta lembrarmos como seria fácil listar umas três dezenas de redações, coletivos e agências de jornalismo que buscam colar sobre si o rótulo de “independente” – embora nenhum deles seja o **RelevO**. Mas o que se esconde detrás de palavra tão cobiçada e tão maltratada pela mídia? A coluna deste mês visita o saboroso pomar da imprecisão e da multiplicidade para saber por que a independência editorial pesa tanto aos ombros.

## A interdependência

Professores universitários da UnB, da UFSC e da UEL aceitaram compartilhar conosco o que pensam da independência editorial. Confira os comentários exclusivos para leitores do **RelevO**, a começar por Gustavo de Castro, docente de Estética na Universidade de Brasília:

“A independência é um mito. Um belo mito a ser cultivado – o que o assemelha à liberdade. Na prática, todo mundo depende de todo mundo. E todo mundo depende de todo mundo. Mesmo os jornais, quando querem ser independentes, ficam na ‘dependência’ do reconhecimento, ou na dependência dos patrocinadores, ou da Lei Rouanet. O que existe mesmo é a interdependência”.

“O uso [indiscriminado] do termo ‘independente’ se complica num contexto em que não existe jornalismo cultural brasileiro. Ele é uma piada. Está mais para um ‘negócio entre amigos’ (para usar um termo do Juremir Machado, professor da PUC-RS) do que para uma cobertura honesta, distanciada e profunda”, conjectura Gustavo de Castro, que é também poeta, jornalista e escritor. Ele publicou, em 2015, a biografia da poeta Orides Fontela – *O Enigma Orides* (Hedra).

## Só os nômades!

Silvio Demétrio, professor de Comunicação da UEL e colaborador da Revista *Cult*, busca o abrigo da filosofia para opinar: “a independência pode ser pensada como que remetendo aos domínios da singularidade, do ímpar. Em certa medida, romper com o senso comum é constituir-se como independente. É uma ação para sempre *ad hoc* [argumento usado com o objetivo de defender uma teoria]”.

“A independência é instável por ser essencialmente moderna. É um ato de acatarmos que o tempo nos perpassa. Ela age como se fosse um solvente de tudo que é fixo. Só os nômades são independentes. Só o são aqueles que encontram satisfação na impureza do risco. Penso, por fim, na relação de esvaziamento que as palavras de ordem do *marketing* e do espírito de rebanho produzem sobre toda e qualquer ação – e o que ocorre com uma publicação não é diferente”.

“Como não encarar o enunciado ‘jornalismo independente’ como um oxímoro? [Expressão na qual se combinam palavras de sentido oposto]. Padecemos com um retorno ao publicismo – recalque histórico do romantismo revolucionário –, que agora ressurgem numa versão despotencializada porque a serviço da redundância, da manutenção dos estados de coisas e do sempre igual. [Portanto,] viva a diferença! O múltiplo! Viva o Singular porque sempre outro!”, arremata Silvio Demétrio, que foi também o mentor intelectual do suplemento *Gazeta ALT* (2008-2009), em Cascavel (PR).

## Garantia de autonomia

Para Elias Machado (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC), este nosso colóquio literário permite perscrutar a cultura dos jornalistas: “a discussão sobre independência serve

para destacar a existência de diferentes tipos de jornalismo: partidário, empresarial, público, cidadão, etc. E cada um deles detém princípios e orientações deontológicas bem distintas. O que me parece importante é que, devido às diferenças existentes entre as instituições, a sociedade ‘funciona’ melhor quanto maior for a garantia de autonomia entre suas diferentes instituições”.

“É evidente que as instituições se influenciam. No entanto, não é recomendável que uma se submeta aos interesses da outra. Seria mais ou menos como se um deputado evangélico subordinasse os interesses do Estado – necessariamente plurais – aos interesses da Igreja a que pertence. Do mesmo modo, quanto mais partidário for um impresso, menor será sua capacidade de difusão para um público mais amplo e ideologicamente diferenciado”, compara Elias Machado, jornalista e doutor em Jornalismo pela Universidade Autônoma de Barcelona.

## Contra o quê?

Jornalismo não é matemática – ainda não. No entanto, se houvesse alguma equação que o aferisse, a “independência” seria uma de suas “variáveis dependentes”. É que para saber se um veículo é independente, a primeira pergunta que se faz é: contra o quê se é independente? Afinal de contas, almejar a autossuficiência subverte as regências e, em vez de justapor, nós nos contrapomos.

Não basta “ser livre” e “ser contrário”: a publicação precisa identificar o colonizador de consciências que ela rejeita. Senão, carece de ela buscar outro grafismo para gravar feito tatuagem em sua pele. Mesmo que não queira, o **RelevO** pode ser encarado como independente. Ao menos, o periódico resiste em tratar a literatura como aquela soja ou aquela carne de frango que enviamos ao Porto de Paranaguá para trocarmos por produtos da *Apple*.

CONTATO@KOTTER.COM.BR (41) 3585-5161



**Editora Kotter**

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO  
ARAUCÁRIA-PR



Luiz Otávio Prendin Costa

**POESIAS ESCOLHIDAS**  
ZEITGEIST

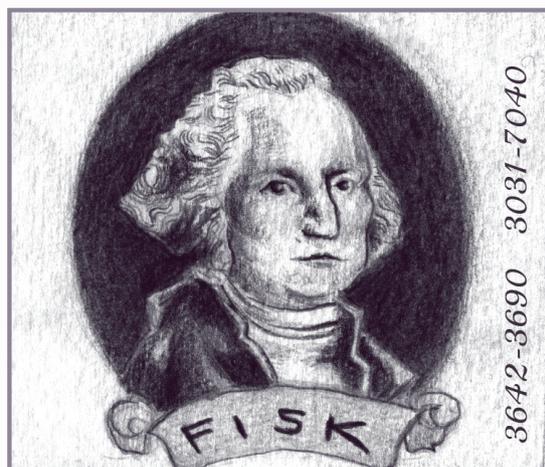
curitiba, paraná

**VIDAS TRANSITÓRIAS**  
OTTAVIO LOURENÇO

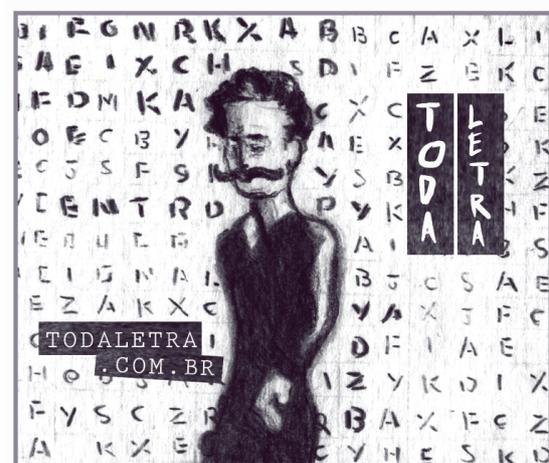
Disponível em [www.poesiasescolhidas.com/zeitgeist](http://www.poesiasescolhidas.com/zeitgeist)



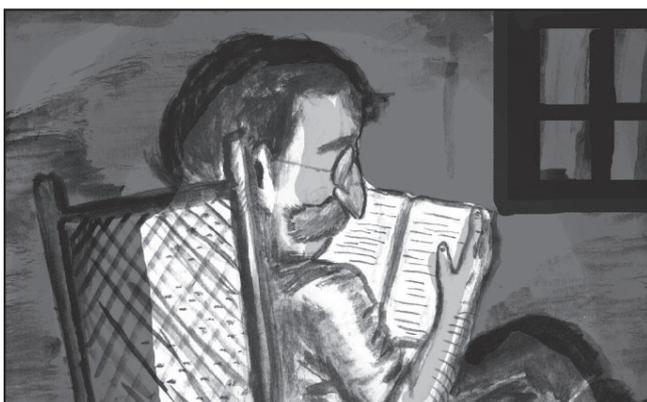
AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR



R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).



Conheça nosso trabalho, acessando [www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e [facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais:  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)

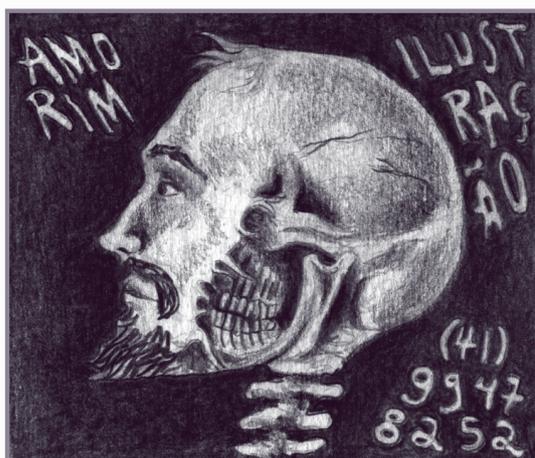
Aqui, a escrita só um braço. não é o corpo inteiro.

Esc. Escola de Escrita. 41 3114-7100; contato@escoladeescrita.com.br; escoladeescrita.com.br

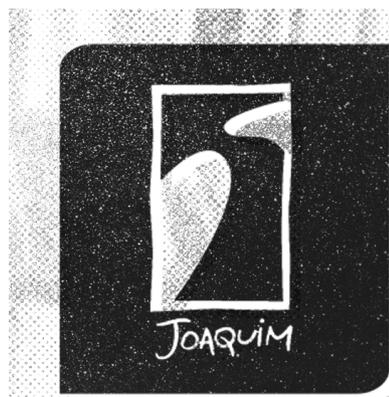


Fábio Tokumoto/Carol Zancalatto

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881



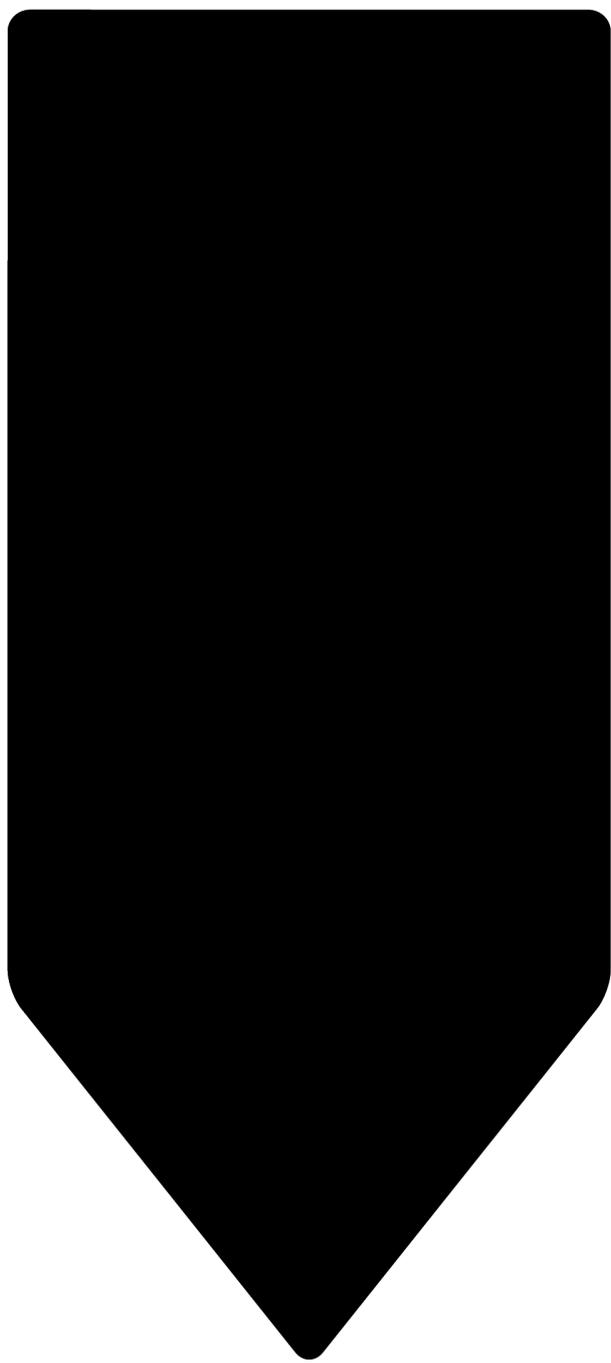
Alan Amorim



LIVROS | VINIS  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

Fábio Tokumoto/Carol Zancalatto



**KOTTER**  
E D I T O R I A L

MÁRCIA PFLEGER

# O que dá nas ruas, chérie

Fumaças de jardim  
me engolem  
Espirros e espirais  
de pólen  
Andar nas ruas  
é catar alergias  
ou procurar alegrias:  
achar acasos que permitam casos  
caso, de repente, você...

Invento cenas e ando nas ruas  
como num cromagui  
Se der de cara contigo  
numa floricultura  
direi de cara: hello, chérie!  
só pra encarar seus olhos  
de clorofila

E vou planar silenciosa,  
em fotossíntese,  
numa respiração de folha  
E você mais irresistível  
do que plástico-bolha  
(pra me lembrar  
o quanto eu sou  
sinestésica...)

E vou dar bandeira. E você dá o fora.  
E já deu minha hora.

# Godot é uma árvore (trecho)

(Kafka Edições, 2015)



22. A variedade humana é imensa. Poderia ser dita infinita, mas com risco de parecer exagero premeditado para justificar o que vem a seguir. Fica-se, portanto, como foi de início. A variedade humana é imensa. Tão imensa que no meio dela há, com certeza, quem tenha enxergado um chiclete grudado sob a Cadeira de Van Gogh.

23. Ideia para um título: Três tristes trópicos.

24. Mesmo quem nunca tropeçou pode conhecer e saber usar o verbo tropeçar, mas nunca tropeçou. (Isto não vale para todos os verbos, nem para todos os sujeitos.)

25. A semântica mexe aqui e ali. Por isto algumas coisas estão sujeitas a nomes oscilantes. O trampolim, por exemplo, ergue para que se desça, portanto, poderia chamar-se gangorra. E na gangorra, que sobe para depois baixar, muito bem caberia o nome de trampolim. A semântica mexe aqui e ali, como um parque de diversões.

26. Tentação do pavio da vela: ser ferro em brasa. Tentação e tentativa.

27. Na busca de alguma serventia para certa ocorrência, o Sr. de Tal informou: alójara a ocorrência numa metáfora será suficiente. Como se vê, dito e feito.

28. O que vale mais: estar amarrado aos trilhos da estrada de ferro ou ser encurralado por dois leões numa ponte pênsil? Eis a questão.

29. A necessidade de iniciar uma coleção, de ser colecionador, de catalogar a coleção, de exibir a coleção, de anunciar os avanços da coleção, de dobrar o corpo para frente na altura da cintura para agradecer os aplausos.

30. “Fábula do leão e do palhaço”, para a qual bastam as palavras do título.

31. Sem bigode ou com bigode, Gioconda é um caso de pose com ademanos disfarçadas.

32. A questão não é a palavra, a questão é a frase. Apresentada assim, numa frase, a questão parece mesmo ser outra.

33. Movimentar levemente os lábios enquanto lê, levemente e sem qualquer ruído, o suficiente para exteriorizar que está mais do que apenas olhando para o livro. E, com certeza, umedecer o dedo na ponta da língua antes de virar a página.

34. Não é o caminhar que faz barulho, são os sapatos. Agora só falta encontrar uma aplicação para a frase. Talvez caiba na parábola do homem descalço.

# Um milhão de velas apagadas (trecho)

(Kafka Edições, 2015)

## Noves fora

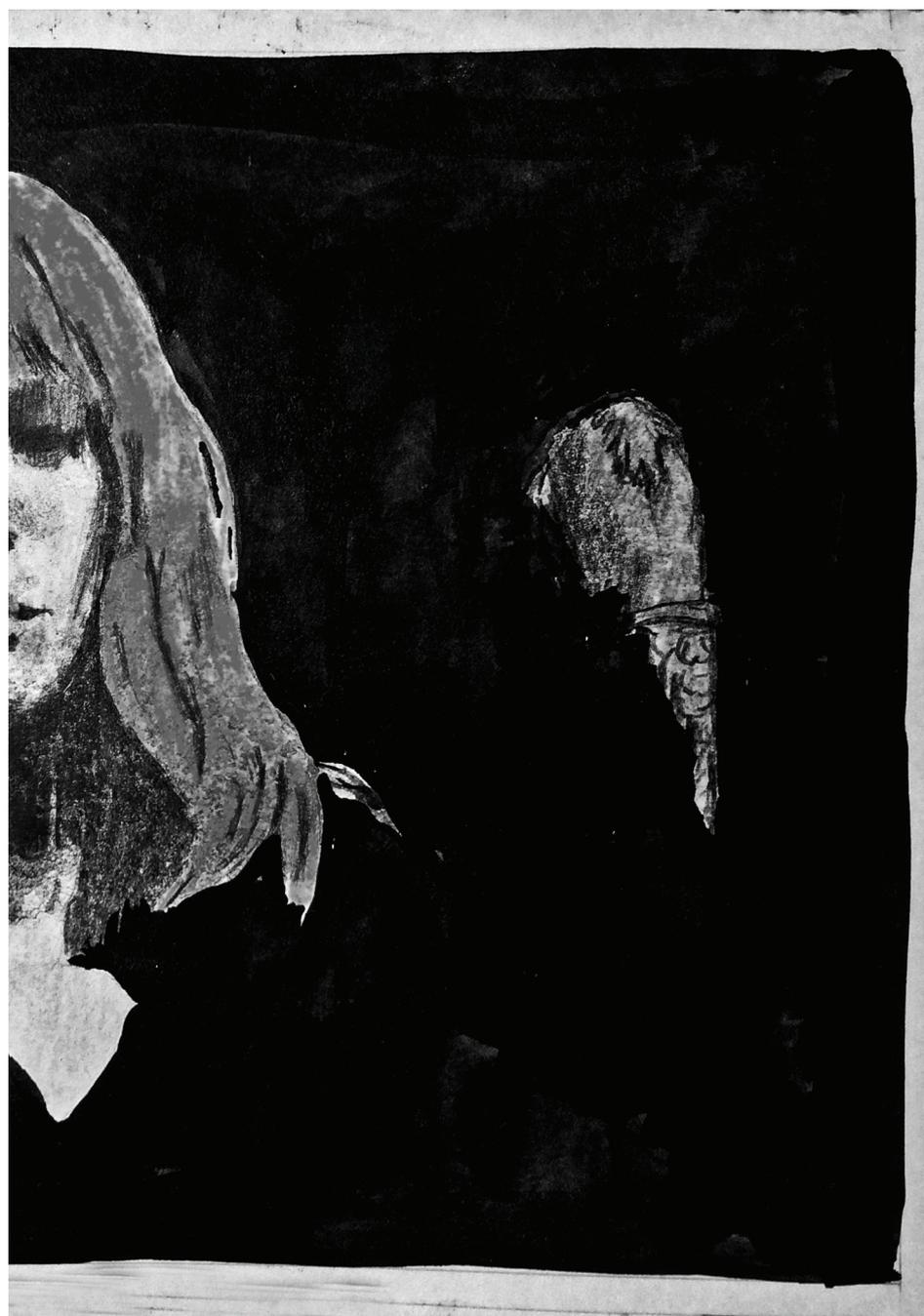
Há épocas em que são raros os homens de chapéu, talvez tenha sido o que aconteceu, numa época de poucos chapéus vi a fotografia no jornal, mas posso ter sido atraído pela posição da cabeça do homem na fotografia, a cabeça caída para trás, mais um tantinho de nada e o chapéu caíria; as roupas do homem também teriam sido o motivo para olhar para a fotografia; a posição com a mão no peito, então, isto sim era motivo para olhar para a fotografia; porém os meus olhos foram diretamente para o chapéu que por um tantinho de nada não despencava.

Em outras ocasiões, ao segurar o jornal, minha grande atenção ia para a inevitável marca de tinta nos dedos, a leitura da notícia simultaneamente com o registro da necessidade de largar o jornal e buscar sabão e água; quanta notícia esquecida pela ansiedade de me livrar da tinta nos dedos; ansiedade acompanhada algumas vezes por certo delírio, como aquele, os meus dedos sujos deixando impressões digitais na água.

Eu percebi na fotografia algo com traços de cadarço no sapato do pé esquerdo, mas no pé direito a

fotografia não era nítida; diante do meu comportamento com cadarço de sapato, considerei cadarço o algo do pé esquerdo e, portanto, tirei a conclusão de que havia também cadarço no pé direito; se fosse necessária alguma explicação sobre o meu comportamento com cadarço de sapato, informaria que ele foi o substituto da casca de banana no meu mais espetacular tombo; tombo nunca ocorrido, tombo apenas perspectiva, a ideia de pisar nos próprios cadarços me rondando; mas nunca a ideia de calçar sapatos sem cadarços, isso não.

O homem da fotografia no jornal estava de sapato, chapéu e calça e o paletó com os mesmos riscos, a gravata sobre uma camisa clara, as mãos crispadas; antes de mãos crispadas, houve a atenção dada à roupa do homem para tentar encontrar a estação do ano, a temperatura daquele dia em que o chapéu por um tantinho de nada não caiu; poderia ser um dia de calor, paletó e gravata são possíveis em dia de calor; num dia de frio, não o frio intenso, mas um dia de frio, paletó suficiente para um dia de frio não exagerado; portanto, teria sido a fotografia batida num dia de calor ou de frio, mas saber se o homem daquele momento estava sentindo frio ou calor é outra história.



# RAIO-X DO *TEXTO-BOSTA*

---

A seguir, o **RelevO** apresenta algumas características compositoras do gênero mais popular na literatura contemporânea – e de todos os tempos, pois ambicionamos discursar ao universo também, inclusive aos desconhecidos.

1. Título para conto ou crônica que lembra coletânea paga por editora pequena: “Sol”, “Saudade”, “Ontem”, “Mar”, “Estrelas”
2. Epígrafe de autor fodão
3. Terminar texto com Moral da História
  - 3.1. E explicar a moral minuciosamente
4. Citar, durante o texto, livros que leu
  - 4.1 Agravante quando a menção aos autores vem no tom casual, descompromissado. “A força de *um* Soljenítsin...”
5. Fazer o leitor lembrar de alguma charge do Armandinho (chargista, não confundir com o músico maravilhoso)
  - 5.1. Aprovar charges do Armandinho
  - 5.2 Compartilhar charges do Armandinho
6. Contexto de bar; relatos alcoolizados. Maneira socialmente aceitável do autor gritar “VOCÊ VIU QUE EU BEBO?”, já que usar um chapéu com essa frase lhe afetaria no cotidiano
  - 6.1 Usar chapéu como um todo. É um problema textual
  - 6.2 Usar boina

## Exemplo de formação bosta:

*Aproximou* {um bom texto bosta começa com um verbo que não indica sujeito algum, visando a um suposto mistério} *o cigarro da boca* {melancolia!} *e refletiu sobre o que tinha dado errado nas últimas semanas. Será que ela voltaria?* {perguntas sobre as quais ninguém se interessa} *Não sabia dizer* {um bom texto bosta oferece respostas}; *nunca saberia dizer* {enfático!}. *Pegou o ônibus com pressa* {urbano!}, *os braços encostados num senhor decrépito. Parecia tão despreocupado. "Como queria ser como ele e não refletir sobre nada", pensou* {um escritor bosta tem o ego de quem inventou o orgasmo. o não bosta também}. {Termina o texto se achando um gênio; acha que videogames são infantis; reclama como brasileiro não lê; fala da própria obra; escreve haicais; continua se achando um gênio.}

7. Aliteraões “poéticas” indistinguíveis de trocadilhos do RockGol

8. Metáforas óbvias

8.1. E, ainda assim, explicadas

9. Metalinguagem à qual o autor reagiu com um leve balançar afirmativo na cabeça, o sorriso silencioso. “Nessa eu *arrepiei*”, concluiu.

10. Texto publicado em blog ou periódico literário gratuito

10.1 Nenhum retorno negativo. Ninguém tem vontade de enfrentar publicamente

11. Texto que só fala sobre a dificuldade de amar e ser amado

12. Texto que flana sobre episódios banais do cotidiano com dose de ensinamento. “Estava andando na rua quando uma pomba cagou na minha cabeça. Pensei: “A vida é mesmo imprevisível.”

# OFICINA DE LITERATURA PARANAENSE

EM MARÇO

ESCOLA DE ESCRITA I CURITIBA

Com DANIEL ZANELLA, jornalista e editor do Relevo

## QUIZ

1. Um escritor. Um lançamento. Um livro de ouro ornado em caixa de madeira. Coroa de louros naturais na cabeça. [...] consagra-se o Príncipe dos Poetas;

2. [...] passa ao médium polígrafo Chico Xavier o poema “Saudade”, que integra a edição definitiva da antologia Parnaso do Além-Túmulo, de 1955;

3. Em 1967, [...] criou uma comunidade artística em Antonina. A experiência marca profundamente o aluno [...], que, aliás, estará em breve nas telas, já que seu best-seller foi adaptado para o cinema;

4. Jovem e destruidor de cânones, “Por tudo, a literatura paranaense começa agora.”, [...] virou a província do avesso, apedrejando de [...] a [...]. “Fecham-se uma a uma as janelas. Três horas depois, lá está Dario à espera do rabecão. A cabeça agora na pedra, sem o paletó”;

5. [...] é um dos mais significativos poetas paranaenses contemporâneos. Foi internado dez vezes, entre clínicas de reabilitação e hospitais psiquiátricos. Poesia de forte contato com os excluídos e com a noite;

6. Segundo [...], [...] saía pela cidade, no fim da vida, dizendo ser o mais importante escritor brasileiro vivo. Se não era o mais importante, certamente foi um deles. É comparado, no que tange à inovação e ao tensionamento de linguagem, a Julio Cortázar;

7. Fevereiro de 1987. É dado o primeiro passo para a fundação do [...]. No auge, o periódico chegou a ter 180 mil exemplares de tiragem. Foi eleito a melhor publicação cultural da América Latina.

Gabarito: 1. Emiliano Permetta; 2. Leônicio Correia; 3. Wilson do Rio Apa e Cristiano Tezza; 4. Dalton Trevisan, Monteiro Lobato e Alfred Andersen; 5. Rodrigo Madeira; 6. Wilson Bueno e Valêncio Xavier; 7. Nicolau.

## PRÓXIMOS CURSOS

### [CURITIBA]

Aperfeiçoamento Textual,  
com Julie Fank  
Início: 15 de março.

Aperfeiçoamento Linguístico,  
com Julie Fank  
Início: 14 de março.

Oficina de prática de textos  
acadêmicos,  
Início: 16 de março.

Oficina de criação poética,  
com Rodrigo Garcia Lopes  
Início: 12 de março.

Literatura subversiva,  
com Luci Collin  
9 de abril.

Acompanhamento de Redação  
para vestibular,  
com Mateus Ribeirete  
Início: 6 de abril.

### [CASCAVEL]

Workshop de criação de  
publicações independentes,  
com Daniel Zanella e Marcell  
Mengarda  
17 e 18 de março.

Revisão e edição de texto,  
com Julie Fank  
19 e 20 de março.

### [BELO HORIZONTE]

Revisão e edição de texto,  
com Julie Fank  
19 e 20 de março.

# Inês

LUDMILA RODRIGUES

Eu não sei. Não sei por que dei pra ele. Eu sempre fui muito sozinha. Não fui preparada para a vida como todo mundo, sabe? Eu tive, sei lá, um processo diferente dos outros. Nunca fico só, entende? Já me basta a solidão de dentro. Uma vez me disseram *viúva negra, come e mata!* Come e mata... Eu tenho nojo, entende? Eu tenho o mais profundo nojo do que uma pessoa pode sentir, eu não sei nem como te explicar. Ele gordo, nu, peludo... Exibindo o corpo obeso só porque já tinha sido vinte quilos mais gordo, cheio de caroços nos braços e nas costas, todo apaixonado por mim, explodindo de alegria porque eu tava lá, nua, gozada na cama dele. Ah, eu tava fragilizada, completamente acabada... É claro que eu não ia ficar revendo o mesmo filme em casa, em prantos: eu não sou assim. Se o outro não me queria, eu tava buscando alguém que me quisesse.

Mas é sempre assim, sabe? Eles entendem mal, me pedem em namoro... Pra mim, tanto faz um sim ou não, eu termino respondendo sim, mais agradável. Os amigos, radiantes, começaram a perguntar

se estávamos felizes, radiantes porque, lógico, nunca tinham visto o encajado com alguém. Eu fazia cara de paisagem, puta, puta, estilhaçada por dentro. Ficava espumando com a cara estúpida dele que respondia que sim, tava feliz, esplêndido, tudo ia ficar bem, um dia eu me entregaria, ele ia trabalhar com força nisso. E dizia *ela não parece uma princesa com esses cachinhos loiros?* Eu tentava perguntar por que ele achava que eu era dele mesmo depois de eu ter dito que ele não sonhasse em ouvir um *eu te amo* da minha boca, que isso nunca ia acontecer, que ele era um tapa-buraco, que ridículo, meu deus. Mas ele queria fazer panquecas doces, comemorar qualquer bosta, se mudar pra minha casa e o caralho.

Não sei por que eu tenho um ódio especial por esse, dentre tantos caras. Só pode ser o cheiro de peixe podre que me vem entre as pernas em todo santo período de ovulação, começou depois daquele pau sujo. Ou os chocolates que ele me trazia numa caixa com um laçarote em fita, tão patético, dizendo *trouxe um pouco de todos porque não sabia de qual você gostava*. Eu gosto do mais

simples possível, do preto maciço, sem inovações, sem menta, morango, framboesa, pedaço de não sei o quê. Mas não é aí que está minha raiva: é na caixa com o imenso laçarote pela manhã, ao lado do travesseiro.

Aí eu lembro da tremedeira tão asquerosa, ele ficava nervoso com a minha presença e dizia que era o pulso, era de família. Tremia servindo o vinho, segurando um guardanapo, tremia a língua enorme no beijo de olhos ora fechados, ora esbugalhados para ver se tava fazendo certo. E eu pensava *olha a minha cara de quem desvirgina alguém, seu filho da puta* — desvirginando-o.

Lembro da banha no rosto, das rodas de suor na camisa que ele mesmo passava a ferro querendo também passar as minhas, dos caroços com pus e me pergunto como pude ser tão cretina comigo, como pude deixar aquilo acontecer.

Ele peidava dormindo, e eu chorava, chorava na janela com o cigarro entre os dedos, prendendo a fumaça nos pulmões, querendo assassiná-lo por ser tão nojento, tão desgraçado de nojento. Ficava olhando o céu a noite toda. É tão bonito o céu, né?

GLAUBER VIEIRA

# Festa das flores no interior

Pela avenida principal, desfilam trios elétricos  
disfarçados de carros alegóricos; pessoas na  
parte de cima, com roupas típicas camponesas,  
jogam flores sobre a multidão.

Sofia, de seis anos, pega uma rosa branca e  
comenta com a família:

— Que profissão legal! Jogar flores nas pessoas...

Miniconto integrante de  
**Mosaicos** (Penalux, 2016)



É uma  
longa  
estrada  
repatriar  
a alma

FRANCESCA  
CRICELLI

Há que se fazer o silêncio  
para ouvir os dedos  
sobre o velho piano da ferrovia  
é uma longa estrada repatriar a alma  
a rota é na medula  
descida íngreme  
ou subida sem estanque –  
demolir para construir  
e não fugir do terror sem nome  
de não ser contido  
apanhado, compreendido  
é preciso seguir adiante  
no fogo e sem ar  
e se a dor perdurar  
é preciso ser destemido  
para espelhar o rosto  
em outros olhos  
*distantes como num espelho.*

CID BRASIL

# SHOW DA MADRUGADA

Eu não sei você, mas eu, quando mais novo, acreditava possuir um enorme talento, talvez o maior que um jovem de quinze anos pode almejar: o talento (ou a crença) de imitar o Silvio Santos. Passei seis meses da minha vida assistindo a seus programas e me comunicando através de frases como: “Vai pra lá, vai pra lá!”, ou “mas quem quer quem quer dinheiro?”, além de interromper com muito entusiasmo aulas de Ensino Médio, parabéns a você e aglomerações em geral só para puxar o coro e cantar: “Festa divertida, colorida de emoção/ dia de alegria, então sorria e vem pra cá... Ritmooo, é ritmo de festaaa”. E como a vida é mesmo uma eterna pegadinha estrelada pelo Ivo Holanda, e nós as eternas vítimas desse deus ex-machina com bonezinho surrado, a minha comédia só podia, como diz o Roberto Bolaño (não o Chaves, e sim o escritor) acabar em tragédia.

Tudo ruiu no dia em que alguém filmou meu desempenho de Silvio durante uma ceia de natal. Foi um choque assistir no visor daquela filmadora a bestial expressão que eu fazia para atingir a voz do homem do baú – uma expressão de guaxinim epilético e possuído. E o pior foi notar

que riam de minha terrível máscara e não da imitação. Prometi a mim mesmo, após esse episódio, abandonar minha carreira de imitador do Silvio. O tempo, igual a Voz do Brasil, demorou a passar. Mas passou, e eu abandonei os microfones. Havia duas rádios comunitárias, uma do Trapiche e outra na Forene, que permitia que eu entrasse no ar e falasse algumas bobagens emulando o Silvio Santos. Ninguém nunca notou – os ouvi muito nas semanas pós-trauma – minha ausência e, se notaram, disfarçaram bem.

Buscando um final menos triste para esse texto, resolvo dar uma mão ao destino e ligo o velho rádio da sala. Giro o dial pelo AM e, ouvindo a típica colmeia de abelhas, paro no que pode ser o 88,7. Escuto um pastor chamado Nonato. São duas da manhã e o telefone está aberto para os ouvintes. Resolvo ligar só para saber se aquela ainda é a antiga Mar Azul FM. Caso seja, quero perguntar se meu antigo amigo Branco do Pagode continua com seu Show da Tarde. Espero o Pastor chamar o intervalo para ligar. Após dois toques, ele mesmo atende. Tiro minhas as dúvidas e, quando me despeço, escuto ele me chamar de filho e perguntar – com toda a educação

do mundo – se não posso ajudá-lo, entrar no ar para conversar com ele. Só para dar uma movimentada. Sinto pena. Lembro o próprio Branco do Pagode, sem ligações e ouvintes nos seus programas e topo falar. Digo meu nome, onde moro e o que faço. Sou apresentado como um antigo fã da rádio. O Pastor Nonato, querendo mesmo apimentar o programa, começa a falar enrolado. A certa altura diz que estou desamparado, que aquilo foi tudo um livramento de Nosso Senhor Jesus Cristo me fazendo telefonar para a rádio, justamente no seu Hora da Fé. Penso em desligar o telefone, mas, de certa forma, a fala exaltada do Pastor faz um profundo sentido. Percebo que é o momento certo de exorcizar o meu demônio particular e começo a imitar o Silvio Santos. Pastor Nonato me chama de Satanás e eu digo: “Rarái”. Sai desse corpo! “Mas você está certo disso, Nonato?” Sangue de Cristo tem poder! “Mas se você não ganhar Nonato, quem ganha é a carta!”.

Infelizmente os créditos do meu telefone acabaram. Olho no espelho. No lugar do meu reflexo, está o próprio Mefisto com voz de Silvio, chamando o sorteio da Tele Sena de Natal.

# Altamira

RICARDO POZZO

Na variável mais profunda,  
caça & caçador estão em fuga,

naipes numa orquestra de faros.

Iluminados sequer pelo satélite pálido  
seduzido em seu magnético giro.

Melhor enxerga o que ouve  
aguçado

na floresta que assombra quem,  
surpreendido,  
mira o animal escolhido

e a si reconhece.



# Separar as tarefas do dia

YASMIN NIGRI

Sair do acordo com o pântano

Enumerar lugares mais penalizados  
Me convidar para um ménage  
Recusar o convite por medo de decepcionar duas ou mais pessoas duma vez

Traçar estratégias para quando a vida me derrubar tais como  
Um dublê

Traçar espaços para os quais estou indisponível em ordem decrescente

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Começar, apesar das desvantagens linguísticas  
Fazer pegar o apelido comedor de batatinhas fritas novamente

Se é que tudo isso me compete  
Se é que tudo isso não seja reabsorvido

Ser aquela que grita “o rei está nu!” enquanto todos elogiam seus trajes  
Ser um embuste maior do que o rei

Chegar numa conversa e dizer  
Obtusa monocultura stripers and stars!  
Com entonação solene

Ser uma dessas pequenas personagens que recebem mais atenção do que merecem  
E vocês se lançarão em cima da isca

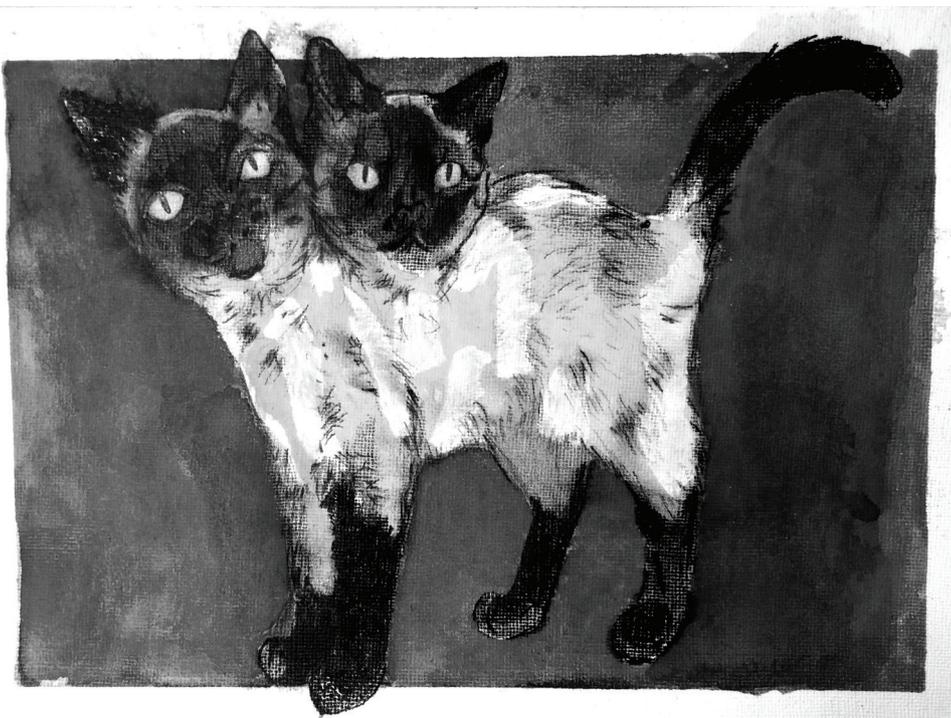
Pintar por passatempo ou terapia e ganhar milhões  
Tirar desses milhões a grana pro dublê

Bolar um último recurso

Como Bart Huges o faz ao perfurar o terceiro olho com uma broca de dentista  
Tornando-se o precursor da trepanação e um dos expoentes do happening

Elencar recortes de classe

No linguajar comercial P.A. é calculado através da soma de peças vendidas  
dividido pela  
quantidade de atendimentos  
No linguajar universitário P.A é pau amigo



RAFAEL ANTUNES

# Em algum lugar algo nos espera

Após anos morando nas ruas, digo que pressa e vida pouco se dizem respeito. Por muito tempo corri atrás de prazos, de metas. Um futuro ao meu alcance. Entretanto, agora, sentado à margem desta calçada, finalmente vejo que alcancei minha vida.

Como, durmo e faço tudo o que se faz em casa, com a diferença de que, quando acordo com vontade de ir ao banheiro, preciso andar dois quarteirões (até a praça). Fui paciente até encontrar alguma paz que me permite estar. E dia após dia vaguei por quase todos os becos da cidade. Nos projetamos mundo afora. Endurecemos a cada esquina. Forjo

caminhos. Estou em fuga.

Do que fugi primeiro?

Das primeiras fugas de minha vida, já nem lembro. Mas tenho silêncios do pavor que me fez fechar a porta da casa que construí por três anos. Nunca mais voltei.

Era tarde, sol, 8 de agosto de 2010, aniversário de quatro anos do casamento: meu e de Irene.

Era também Dia dos Pais. Nunca tive um. Jamais aconteceu.

Naquele domingo, mesmo sem um pai, eu estava feliz. Trabalhei normalmente no posto de gasolina até as três da tarde. Completei o tanque de uma meia dúzia de famílias em festa.

Coloquei vintão em carro de gente nova. Às três e vinte já estava diante do portão preto de nossa casinha branca.

Trazia na mão uma flor pra Irene. Dessas que caem das árvores e nos encontram na rua. Entrei. O silêncio da casa era comum nos dias em que Irene dormia depois do almoço. Mas a cama estava arrumada. Em meu travesseiro, um bilhete escrito em azul, o garrancho de Irene: “Não me procure, por favor”. Não entendi. Procurei-a pela casa. Sala, banheiro e cozinha. Nada. Sobre o fogão, uma única panela. Na tampa, um novo bilhete, também em azul, aparado por uma colher: “Meu último feijão. Pra você”. →

A panela estava morna, o feijão estava fresco. Irene teria saído umas duas horas antes. Pra onde? Nunca soube. Jamais fui contra as vontades de Irene. Comi o que pude do feijão ali mesmo, em pé, diante do fogão impecavelmente brilhante. Tapei a panela, virei as costas, andei até a porta da sala, saí e fechei. Sequer tranquei. Deixei as chaves por lá. A rua seria a minha casa.

Em três meses, foram quatro cidades. Perambulei por ruas, endureci a cada esquina. Segui sem jamais contrariar Irene.

Admiti que estava sozinho.

Uma vez li uma entrevista com uma escritora famosa. Ela dizia que o ser humano é um ser solitário. Cedo ou tarde se descobriria só, no mundo. Era eu.

Sou eu. Sem a pressa de ser.

Desde então, leio sempre os jornais do dia anterior. Pego no lixo. Sem problemas, a vida não tem pressa. As coisas de ontem ainda existem hoje. O tempo corre com a gente junto, dizia Irene.

Cuido dos carros que estacionam aqui na rua só quando preciso de algum trocado. Sinto é nojo daquela cara de medo que as madames me olham, sempre abraçando as bolsas, como se aquelas merdas de couro e marcas valessem alguma coisa pra mim.

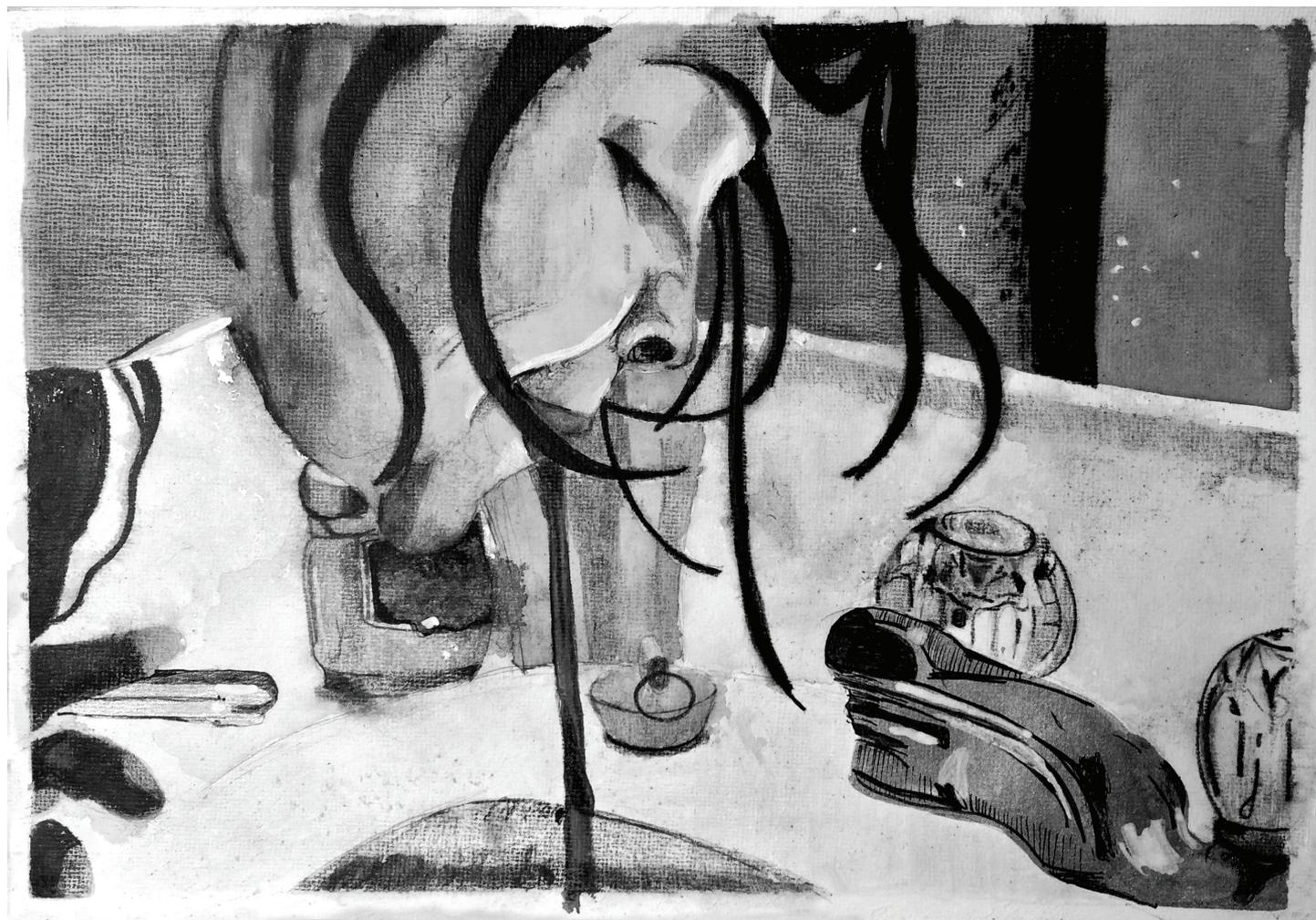
Já tive vergonha de pedir dinheiro por aí, não tenho mais. É uma atividade tão humilhante quanto a de todas as centenas de pessoas que passam aqui, diante do meu colchão, todos os dias. Com a diferença que elas se sentem dignas por possuírem uma carteira

assinada em troca do tédio diário e do café morno na garrafa térmica.

Muitos têm pena de mim. Passam e me olham com piedade. Viram o rosto se eu retribuo o olhar. Já não lembro do último sorriso que me dirigiram. Sequer “bom dia” recebi essa semana. Nem ligo mais.

Morador de rua sonha. Já sonhei em reencontrar Irene numa esquina improvável qualquer, ter uma nova casinha, montar família, ser pai, levar meus filhos pra Disney, mas hoje não. Sou desses solitários que gostam de se ouvir no silêncio, entre os desesperados das ruas.

Nunca mais vi Irene, nem voltei na antiga casa. Ainda lembro o gosto daquele último feijão. E hoje é Dia dos Pais de um ano que já não me importa qual é.



TERRA INCÓGNITA

# Vidas transitórias – Ottavio Lourenço e o fim da trilogia

Daniel Osiecki

Na história da cultura pop há muitos exemplos de músicos escritores ou de escritores músicos; escritores e artistas plásticos ou artistas plásticos e escritores; escritores cineastas ou cineastas escritores, e assim sucessivamente. Talvez o maior exemplo seja Bob Dylan, um poeta bastante competente. Lou Reed é outro grande poeta. Woody Allen, além de cineasta e escritor, é músico.

Aqui por nossas paragens tupiniquins há o grande poeta Vinicius de Moraes, que construiu uma carreira musical consistente e muito relevante internacionalmente. Cazuza, Caetano Veloso, Chico Buarque, Paulo Leminski. Poderia continuar por mais meia página. Porém, há certo distanciamento entre todos os nomes citados e nossa realidade como ouvintes, apreciadores, críticos.

Em Curitiba, além do já citado Paulo Leminski, há o exemplo mais recente do curitibano Ottavio Lourenço, filósofo, músico, escritor. A ordem não importa nesse caso, pois Lourenço é suficientemente competente em todas as atividades que desempenha. Ele é vocalista da banda de metal Choke, e, com sua banda, já viajou ao exterior para apresentações. Publicou os livros *Sombrio e tropical* (2013, InVerso), *Contos de outros cantos* (2014, Arte e Letra) e, mais recentemente, *Vidas transitórias* (2015, Zeitgeist).

*Vidas Transitórias* é uma breve coletânea de contos dividida em três partes: “Sucessivamente penso”, “Sucessivamente acredito” e “Sucessivamente digo”. Ao

todo, são dezesseis contos breves, pautados pela simplicidade. Não há malabarismos linguísticos pseudoexperimentais, nem doses abusivas de atmosferas nonsense. Tudo é direto, cada palavra no lugar certo. Inclusive, há certa parcimônia no uso de adjetivos, o que já é mérito de Lourenço, pois atingir a simplicidade sem se tornar simplista é uma tarefa árdua, digna de grandes escritores, o que ele já demonstra ser.

Os contos de *Vidas transitórias* se diferenciam muito dos textos inspirados em filmes de Hitchcock, de seu livro anterior, *Contos de outros cantos*, os quais são mais sombrios e rebuscados. Há belas sacadas em textos como “Vertigo-Via Casilina Vechia”, clara alusão ao filme *Um corpo que cai*, de 1958. Destaque também para os ótimos “Indelével”, “Assento 28” e “Disque ‘M’ para mudar”, que dialoga com o “O medo é um lugar para viver”, de *Contos de outros cantos*.

O leitor de *Vidas transitórias* não deve se deixar levar pela aparente simplicidade de Lourenço, pois há muitas relações e diálogos entre cinema, música e literatura que, se não forem degustadas na medida certa, acabam passando despercebidas. São textos ágeis, e é nessa agilidade que se pode perceber a mão do músico e letrista Ottavio Lourenço. Nos contos há uma espécie de cadência musical que perpassa as narrativas como um todo, tornando a leitura leve até certo ponto. Livro que encerra uma trilogia, *Vidas transitórias* é o resultado de um autor maduro que já experimenta seu estilo próprio.

## MARIANA BOTELHO



a manhã nos obriga  
a chorar  
sempre

esquecer  
a tosse noturna do filho

a urgência  
do amor

o verbo  
nosso pai  
o silêncio  
nosso filho

nosso rito diário  
de esquecer

-

não sei verbalizar  
o abismo

sei cair  
dentro dele  
como dois olhos que eu avisto e temo

e o chão se demora -  
amor -  
a tocar meus pés

-

a distância entre nós,  
amor

o sangue jorrando  
avião que parte  
de nossas cabeças  
para o planalto central

eis aqui o tão longe  
para onde venho -

magra como meu passado -

chorar a voz  
do meu antigo nome